

# APRESENTAÇÃO

MARIA LEONOR BOTELHO\*

HUGO BARREIRA\*\*

BEATRIZ TAKAHASHI\*\*\*

O presente *ebook Cada Casa, Um Caso. Peças da Coleção de Arquitetura Brasileira na Casa da Arquitectura (Matosinhos)* resulta do desenvolvimento de um projeto de natureza pedagógica. Realizado no âmbito da unidade curricular de Gestão Cultural e Patrimonial do Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, o mesmo recebeu em boa hora o acolhimento da Casa da Arquitectura – Centro Português de Arquitectura, sediada em Matosinhos. Neste contexto, foi estabelecido um protocolo que permitiu aos estudantes contactar diretamente com os objetos que constituem o acervo da instituição, no âmbito de uma modalidade de estágio coletivo que teria por base o trabalho *in loco*.

O estágio decorreu durante o segundo semestre do ano letivo de 2019/2020 e envolveu, além dos dois docentes da UC, Maria Leonor Botelho e Hugo Barreira, um total de 19 estudantes. Da parte da Casa da Arquitectura, contamos com o apoio direto da mestre Beatriz Takahashi no acompanhamento do estágio coletivo.

Devido à composição da turma em questão, que integrava 11 estudantes de nacionalidade brasileira e 8 portugueses, foi sugerido pela Casa da Arquitectura que o projeto se focasse no estudo de quatro objetos da sua Coleção de Arquitetura Brasileira. Entendeu-se ser pertinente a exploração dos edifícios e dos seus respetivos autores a partir das fontes audiovisuais que integram esta Coleção, permitindo, deste modo, uma dupla valorização da mesma, quer através das arquiteturas e respetivos autores, quer através dos objetos audiovisuais e consequentes possibilidades de análise.

Os objetos de estudo no contexto do estágio coletivo realizado pela turma foram, assim, as fontes visuais selecionadas pela equipa da Casa da Arquitectura, que convocam a produção de três notáveis arquitetos brasileiros. A análise crítica destas fontes abriu caminhos de investigação aos estudantes que este *ebook* sistematiza. Foram selecionadas quatro fontes, correspondendo a quatro temas, que apresentamos por ordem cronológica de projeto e construção. Assim, o primeiro tema, a Casa Modernista da Rua Itápolis, em São Paulo, do arquiteto Gregori Warchavchik (1896-1972), parte de um pequeno filme de 1930 produzido originalmente pela Rossi Film, tendo por base uma cópia em nitrato, a qual integra a Coleção e que foi trabalhada a partir da sua digitalização.

---

\* FLUP/CITCEM.

\*\* FLUP/CITCEM.

\*\*\* CITCEM.

O segundo tema, o Centro de Convivência Cultural de Campinas, inaugurado em 1976, segundo um projeto de Fábio Penteadó (1929-2011), foi trabalhado a partir de uma seleção de fotografias de diversos autores que documentam o processo construtivo e os primeiros anos de existência do complexo. O terceiro, a Casa Gerassi, também em São Paulo, da autoria de Paulo Mendes da Rocha (1928-2021), foi explorado a partir de dois vídeos que registam a sua construção entre 1990 e 1991. Por fim, para o quarto tema, a Casa da Rua do Quelhas, em Lisboa, também da autoria de Paulo Mendes da Rocha, em parceria com a arquiteta portuguesa Inês Lobo (n. 1966), foi utilizada uma produção própria da Casa da Arquitectura, um vídeo digital realizado a partir de uma conversa com Carlos Andrade, encomendador e proprietário do edifício.

Foi numa aula de campo nas instalações da própria Casa da Arquitectura que os objetos de estudo foram conhecidos pelos estudantes. Organizados os quatro grupos, o seu trabalho começou a ser definido num formato inicialmente previsto para o evento Open House Porto 2020 que previa a produção de alguns materiais adicionais, tais como folhas de sala ou textos para eventuais publicações ou exposições.

Contudo, o contexto da pandemia de covid-19 e do término das aulas presenciais a 12 de março de 2020 levou a que o trabalho de investigação e a produção de conteúdos de comunicação sobre os quatro objetos passassem a decorrer através de aulas em formato síncrono na plataforma Zoom Colibri. As circunstâncias de trabalho dos estudantes, condicionadas pelo distanciamento físico, obrigaram a diversos ajustes em consonância com a instituição de acolhimento. Foi então pensado um produto diferente, que aproveitaria os conteúdos que os estudantes já tinham recolhido ao nível da investigação prévia conducente ao conhecimento e análise das fontes, das arquiteturas e dos seus autores. É neste contexto que devemos entender o aparecimento da presente publicação.

Não obstante as dificuldades associadas ao contexto, impactando na limitação de acesso a obras de referência e à materialidade dos próprios objetos de estudo, leia-se aos filmes e às fotografias no seu suporte físico, o grupo de estudantes revelou particulares qualidades de resiliência, demonstrando um empenho salutar e uma capacidade para superar os constrangimentos do trabalho colaborativo desenvolvido à distância, então novidade para todos, bem como da alteração ao nível do produto final a desenvolver. Cientes da pertinência dos conteúdos que produziam, entusiasticamente foram dando resposta às solicitações constantes da coordenação científica. Os objetivos do estágio passaram assim a ser a investigação colaborativa e o tratamento dos seus resultados tendo por fim a produção de conteúdos para um público mais alargado. Podemos dizer que o contexto pandémico, embora adverso e desafiante, contribuiu, porém, para o incremento de algumas das linhas de orientação pedagógica de um projeto desta natureza: as metodologias de *learning by doing* e de *flipped classroom*. Assim, tanto para os estudantes como para os docentes e colaboradores científicos o processo de aprendizagem e de adaptação foi constante, quer às ferramentas e métodos de trabalho à distância,

que foram ensaiadas pela primeira vez neste projeto, quer pela sinergia entre os grupos e a orientação científica do projeto.

A presente obra resulta, portanto, de um trabalho redigido por diversos autores, organizados em quatro grupos de trabalho. Os textos que agora se publicam assumem as diferentes origens dos seus autores, bem como as diversas formações de base que impactam necessariamente nos vários olhares sobre os temas e objetos analisados. Este contexto materializa-se quer nos aspetos formais, quer nas abordagens produzidas. Por um lado, destacam-se, desde logo, os diferentes estilos de escrita, enfatizados pelas diferenças ao nível da ortografia e nas variações que se materializam em estruturas fráscas e expressões mais características do «português do Brasil» ou do «português de Portugal» e cuja a heterogeneidade procurámos respeitar e preservar. Por outro, e tratando-se de uma turma de Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual, composta por estudantes com idades, percursos e formações de base diversas, tais como a história da arte, a arquitetura, o design, o património ou o direito, entre outras, obtidas em Portugal e no Brasil, é manifesta a heterogeneidade de abordagens entre os diferentes temas, bem como no seio dos próprios grupos. Uma vez mais, foi valorizada a diversidade de contributos e as formas como materializaram a sua investigação, à qual uma estrutura-base, sugerida pelos docentes, permitiu garantir a necessária uniformização formal.

Trata-se de um projeto de natureza pedagógica pelo que se espelha aqui o processo de aprendizagem deste grupo de jovens investigadores no âmbito de uma unidade curricular do Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O acolhimento do CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória) a esta publicação impulsionou-o para um âmbito distinto, permitindo assim a materialização do seu desígnio último. Além disso, a dupla revisão científica internacional a que foi sujeito consolidou a sua validade e reconheceu os resultados alcançados. O constante apoio da Casa da Arquitectura ultrapassou o próprio acolhimento do estágio curricular e o acesso aos objetos de estudo, materializando-se na cedência das imagens que aqui se publicam.

## **CADA CASA, UM CASO**

Partindo da problematização do campo semântico da palavra casa, o título da publicação, que cedo funcionou como mote do projeto, procura expressar o ponto de união entre a diversidade de fontes, expressões arquitetónicas, e consequentes abordagens, que um mesmo acervo permite. Assim, a primeira «casa», a Casa da Arquitectura, é, naturalmente, a que abriga os objetos de estudo e lhes providencia sentido unificador à luz da Coleção de Arquitectura Brasileira. Neste ponto de encontro de fontes, contextos, percursos, visões concetuais e expressões materiais, o projeto encontrou também o seu acolhimento e estímulo iniciais. Por outro lado, e mercê da seleção de objetos apresentada pela instituição, rapidamente se constatou que três dos quatro casos de estudo eram

arquiteturas de habitação, concebidas originalmente como tal e sendo, inclusivamente, reconhecidas, informal e formalmente, como casas: a Casa Modernista, a Casa Gerassi e a Casa da Rua do Quelhas. Note-se que as três denominações constituem, *per se*, casos diferentes, expressando a primeira uma proposta de abordagem arquitetónica, em consonância com os caminhos do modernismo coevo; a segunda uma associação ao proprietário e encomendador, em apropriação do apelido familiar muito comum nas arquiteturas de habitação de prestígio; a terceira assinala uma relação com o lugar, a Rua do Quelhas, e com uma preexistência, convocando as inerentes questões patrimoniais. O quarto edifício, o Centro de Convivência Cultural de Campinas, embora nunca tenha sido denominado como *casa*, transporta-nos para um entendimento da casa enquanto *habitat* e para uma certa fenomenologia do habitar. Trata-se, neste caso, da arquitetura como elemento agregador e identitário de uma comunidade que se deparava com transformações imperiosas e com o risco de descaracterização, aproximando-se então de uma ideia de «casa comum», a qual nas atuais correntes de pensamento e ação arquitetónicas e urbanísticas nos traz de volta às noções de comunidade e de sustentabilidade.

Contudo, cada fonte constitui um caso de estudo particular, transportando-nos para problemáticas diversas, desde as questões de preservação e de estudo de material fílmico antigo e do sentido das suas imagens à época, passando pela complexidade dos registos fotográficos criados em contextos muito distintos e cuja unificação através de um processo narrativo se tornou o principal desafio, até aos registos feitos pelo proprietário e construtor, que permitiam o acesso a um documento cândido de algumas etapas do processo construtivo, terminando no documento institucional, produzido para memória e comunicação do objeto arquitetónico enquanto peça do acervo e registando o ponto de vista do proprietário e habitante daquele.

Assim, apresentamos, em seguida, uma breve sinopse das abordagens que cada grupo preparou, na sua articulação dos objetos do arquivo da Casa da Arquitectura com as respetivas arquiteturas. As estruturas concetuais, embora independentes de caso para caso, traduzem, como vimos, um mesmo esquema ordenador de modo a garantir a unidade do conjunto na sua diversidade, sob o *leitmotiv* comum do habitar. Embora o lar possa ser o abrigo e bastião do recato e da intimidade, habitar passa sempre por uma dimensão coletiva ou social, seja uma trivial experiência vicinal sejam fenómenos de sociabilidades mais complexos. Habitar é estabelecer relações com o outro, quer aquele com quem partilhamos domicílio, quer aquele que está fora do limiar da habitação, mas que com ela se relaciona pela sua presença ou ausência. Esta relação expressa-se também na implantação do edifício, nas suas áreas comuns, nas suas áreas privadas e na respetiva disposição. Por outro lado, habitar radica também na tenência, ainda que temporária, de um espaço, ou seja, habitar é tanto morar num lugar como possuir (*habere*) esse mesmo lugar. Do mesmo modo, habitar relaciona-se igualmente com construir (*construere*), comungando do seu radical na dimensão temporal e processual, ou seja, para habitar é

necessária uma construção prévia, programada ou encontrada, mas habitar é também construir, ao longo do tempo, sobre essa mesma preexistência. Por outro lado, o tempo dita novas formas de habitar, condicionando a receção da casa na diacronia e impondo a sua transformação.

Com esta reflexão inicial procurámos expor algumas das questões que cada caso levantou e que o leitor poderá encontrar nas abordagens dos respetivos autores. Resta, contudo, uma última dimensão do habitar que consideramos pertinente. Como é que cada um destes casos habita a história da arquitetura brasileira? Aqui as respostas serão, uma vez mais, múltiplas, podendo ser relações de tempo longo, como a da Casa Modernista de Warchavchik, ou de uma obra coeva desta publicação, e uma das derradeiras de um dos seus criadores, a Casa da Rua do Quelhas de Paulo Mendes da Rocha. Esta última ocupa um lugar especial por ser a única obra edificada em Portugal, e feita em parceria com uma arquiteta portuguesa, Inês Lobo, demonstrando o prestígio internacional da arquitetura contemporânea brasileira e a continuidade da ação de Paulo Mendes da Rocha em território nacional, depois da participação no projeto do Museu dos Coches (2015) em Lisboa.

Os quatro casos possibilitam, assim, uma visão ampla e diacrónica das transformações da arquitetura brasileira ao longo do século XX. Warchavchik, com a sua proposta de habitação assumidamente modernista, marca o início desta corrente no Brasil, ainda plena de influência europeia na viragem para década de 1930, e contribui para a conseqüente afirmação de um modernismo brasileiro que dará amplos frutos nas décadas seguintes. Fábio Penteadó representa, com uma obra pensada para uma comunidade urbana, uma das vertentes da denominada «Escola Paulista», a qual marca a década de 1950, imbuída de questões sociais, e se configura como uma alternativa à abordagem de Oscar Niemeyer, expondo as características dos processos construtivos em betão. Na mesma linha de pensamento estético e estrutural, Paulo Mendes da Rocha, é um dos principais nomes desta «Escola», apresentando uma proposta que, pela estreita ligação com a formação em engenharia civil do proprietário, recupera os valores de proposta concetual da Casa Modernista, ao apresentar uma habitação de prestígio totalmente pré-fabricada, respondendo a um contexto particular da economia brasileira coeva. Em sucessivas metamorfoses e valências, a arquitetura brasileira contemporânea alcançou um prestígio internacional que o último caso corporiza e representa, em jeito de inversão de percurso do modernismo inicial, atuando agora ativamente no âmbito da tessitura urbana portuguesa, com um projeto de uma habitação que tem por base as arquiteturas urbanas da tradição setecentista e oitocentista lisboeta e que experienciam uma particular abordagem da relação entre a tradição e a inovação.

## **Casa Modernista**

Após uma contextualização e análise técnica da fonte fílmica, o leitor acompanha o percurso inicial de Warchavchik, a sua formação e as primeiras atividades desenvolvidas

em contexto europeu. Em seguida, e focando-se na sua chegada ao Brasil, o grupo apresenta e discute a integração do arquiteto nos círculos intelectuais do modernismo paulistano e a importância do seu casamento com Mina Klabin. O projeto da Casa Modernista é então analisado sob diversas perspectivas, salientando-se os aspetos técnicos, formais e estéticos, bem como as características do mobiliário desenhado pelo próprio arquiteto, a presença de diversas obras de referência do modernismo coevo e os jardins na sua articulação com o conceito subjacente ao projeto. Por fim, e após um olhar sobre o percurso e sentido da produção posterior de Warchavchik, o leitor é confrontado com uma leitura crítica do projeto da Casa Modernista e os seus significados à luz dos vários discursos temporais que o mesmo interceta na história da arquitetura.

Este caso, fortemente apoiado em obras de referência sobre Warchavchik, assume, em alguns dos seus textos, uma natureza ensaística procurando expressar a ideia da proposta do arquiteto enquanto uma casa que é simultaneamente objeto e manifesto, tendo protagonizado uma exposição pública e merecido uma invulgar cobertura mediática, tendo em conta o contexto da época, mercê da sua ligação com a elite cultural de São Paulo.

### **Centro de Convivência Cultural**

Começam por ser feitas a apresentação e a leitura do acervo fotográfico, com uma breve análise de algumas das características técnicas, estéticas e documentais das fotografias. Em seguida, é apresentado um panorama das transformações da cidade de Campinas à luz do contexto político-social do Brasil coevo, com enfoque nas transformações dos equipamentos que antecederam o complexo projeto por Penteadado. Os autores debruçam-se então sobre a obra de Fábio Penteadado, nomeadamente as características formais da mesma e a sua função significante, explorando particularmente o conceito de *Flores de Concreto*. Tendo por base as fotografias, o projeto do Centro de Convivência Cultural é então analisado de acordo com leituras formais e tendo por base a reconstituição do seu processo construtivo. Por fim, uma última secção ocupa-se da receção da obra, de acordo com três perspectivas: patrimonial, a relação com a paisagem e as suas transformações, e a relação com a comunidade e questões inerentes.

Com esta abordagem os autores pretenderam explorar a ideia de um objeto coletivo, tendo por base os estudos dedicados ao arquiteto, embora procurando uma leitura mais particularizada desta obra, bem como a valorização e demonstração das possibilidades do riquíssimo acervo fotográfico.

### **Casa Gerassi**

Na mesma lógica do caso anterior, começam por ser feitas a apresentação e a leitura dos vídeos à luz das suas características técnicas e documentais, acompanhando o leitor na sua valorização enquanto fonte para o estudo desta arquitetura. Em seguida, é apresentado o contexto construtivo da Casa Gerassi, tendo por base os elementos fornecidos

pelo vídeo e por uma entrevista inédita com o proprietário, realizada pelos próprios estudantes. O edifício é igualmente entendido à luz do seu contexto social e arquitetónico. Os autores apresentam, em seguida, os intervenientes na obra, nomeadamente o arquiteto e o comitente, debruçando-se nas particularidades da encomenda e nos desafios que a mesma suscitou. Por fim, num último olhar, o edifício é analisado sob o ponto de vista das problemáticas do habitar, quer nas suas particularidades, quer no contexto da restante obra do arquiteto.

Este caso é marcado por uma particular unidade de forma e estrutura ditada pelas particularidades da fonte que, partindo do ensejo de documentar o peculiar processo construtivo, no qual o seu autor era um agente ativo, levaram os autores a uma análise cuidadosa das suas possibilidades e do seu valor enquanto testemunho da essência concetual do edifício, a qual assenta em grande medida no processo construtivo.

### **Casa da Rua do Quelhas**

Após a apresentação e análise do vídeo e da sua caracterização técnica e documental, o leitor é transportado para a Rua do Quelhas acompanhando as suas transformações e sentido evolutivo na malha urbana lisboeta. Focando-se então no edifício, e tendo por base a análise do vídeo, o grupo apresenta a casa à luz da confluência de visões arquitetónicas e dos desafios inerentes ao projeto. Em seguida, faz-se uma leitura crítica do edifício à luz das problemáticas do «fachadismo», salientando-se a valorização dos vários tempos de ocupação do lugar preservados e valorizados no projeto da dupla de arquitetos e na significação que é dada aos diversos elementos arquitetónicos que os documentam. O leitor poderá debruçar-se agora sobre os arquitetos e os seus percursos, bem como o seu encontro no projeto desta casa. Por fim, e num duplo olhar, os autores acompanham o leitor por uma breve problematização de natureza antropológica do habitar da casa projetada por Paulo Mendes da Rocha e por Inês Lobo, complementada por uma leitura que o transporta novamente para o exterior, através da qual o projeto é problematizado à luz dos conceitos patrimoniais que contextualizam a atuação dos arquitetos.

De uma forma diferente das fontes anteriores, o documento produzido pela Casa da Arquitectura, permitiu aos autores uma particular centralização no contexto de receção da obra pelo seu encomendador, bem como da sua utilização e vivência, num precioso registo direto de um percurso amplo que se inicia, justamente, com a preexistência e com o desafio de uma proposta diferente para habitar um lugar pleno de tradição.

Porto, 9 de dezembro de 2021

